

“MAIS ESTRANHO QUE A FICÇÃO” (STRANGER THAN A FICTION). Direção: Marc Forster, Produção: Lindsay Doran. Chicago: Columbia Pictures & Madate Pictures, 2006. Disponível em: <<http://megafilmesonline.net/mais-estranho-que-a-ficcao-dublado/>>. Acesso em: 5 junho 2016.

Luziana Mercia Ferreira Medeiros¹
Luiza Rosiete Gondin Cavalcante²



A resenha apresentada neste texto examina o filme *Mais estranho que a ficção* (*Stranger than a fiction*. Estados Unidos, 2007, 1h 45min. Direção: Marc Forster) a partir de uma aproximação com algumas definições presentes na *Poética*, de Aristóteles. Tal exercício interpretativo tem o intuito de detectar, nessa obra cinematográfica, características que, descontadas as diferenças de gênero e construção, se comunicam com a tragédia na concepção aristotélica. Além disso, propõe-se a exibir passagens onde o enunciado: “O discurso literário torna estranha, aliena a fala comum; para fazê-lo paradoxalmente nos leva a vivenciar a experiência de maneira mais íntima, mais intensa” faz sentido (EAGLETON, 2006, p. 6).

Percebemos, no filme, que um relógio, pertencente ao personagem central, gosta, comunica-se, sente, prevê tudo: é quase um ser com desejos e sentidos, mais dinâmico que o protagonista, Harold Crick (Will Ferrell). Este, parece automatizado, como uma representação artística do homem de negócios de cidades grandes, ele tem cada minuto contado, afinal, tempo é dinheiro. O personagem vive contando cada minuto e cada objeto a sua volta. Não se relaciona com ninguém, a não ser seu relógio; um homem e seu relógio de pulso, solitário: come só, vive só, numa rotina constante, até que, numa quarta-feira, ele é obrigado a se perceber como um

¹ Trabalho executado para a disciplina Poesia e Prosa de Ficção Brasileiras, no curso de Pós-graduação a nível de Especialização em Ensino de Línguas Materna, Estrangeira e Literatura, no Centro Universitário CESMAC, no Núcleo de Pós-Graduação, turma A, Maceió, 2016.

² Professora Orientadora da Disciplina, mestra e doutoranda em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Alagoas.

livro, uma espécie de “texto literário” em que a linguagem não é “comum”, simples, imediata e aparentemente automática, mas plena de motivações e sentidos possíveis.

Na quarta-feira especial, percebemos a peripécia, a mudança súbita de uma rotina. Enquanto contava as escovações de seus dentes, Harold, ao se ouvir como uma “narrativa lida”, começa a sair do plano da repetição mecânica e sem vida para uma experiência de leitura de mundo, mais atenta às múltiplas significações, nuances e descobertas.

Crick passa a analisar a si e o entorno após ouvir a narradora; ele procura uma psiquiatra, e ela o manda buscar um especialista em literatura. Assim, o rapaz conhece um professor universitário de teoria literária. Convence esse professor a ajudá-lo quando menciona que a voz lhe disse a frase: “Mal sabia ele que...”. O acadêmico percebe que a construção pode ser usada em tragédias e resolve analisar o caso de Harold. Após estudá-lo, com o auxílio do pesquisador, o protagonista descobre que pode ser parte de uma tragédia. Aí se dá o reconhecimento: Crick compreende que sua história não é linear, uma sucessão de “falas comuns”, mas pode ser mais intensa do que parece.

A catarse se dá quando Harold vê a si e à vida como um texto em construção e descobre que vai morrer, “purificando-se”, evoluindo, diante do saber doloroso: decide fazer tudo que não fez antes; não é mais um homem solitário e seu relógio; compra uma passagem para um colega de trabalho; resolve declarar-se para a Dona Pascal, padeira que conhecera, e comprar uma guitarra que tanto sonhara antes, mas não ousara porque não tinha tempo; muda sua vida; para de contar tudo que faz; não vive mais em função dos números ou das horas, declara seu amor, tocando a introdução da música *Whole wide world*, de Wrecless Eric (O mundo todo, tradução nossa) que diz:

‘Quando eu era jovem
A minha mãe me dizia
"Só há uma garota no mundo para você
E ela provavelmente mora no Taiti"

Eu viajaria o mundo todo
Viajaria o mundo todo para encontrá-la’

Em mais uma peripécia, quando o espectador/leitor pensa que o personagem morrerá, pois é seu destino como sendo parte do enredo de uma tragédia, o relógio atrasa-o três minutos; Harold tenta salvar um menino de ser atropelado pelo ônibus e ele mesmo é atingido pelo veículo. Contudo, apesar de ter quebrado cada osso do seu corpo, e uma parte de seu relógio ter se fundido a ele, não morre, pois pedira para a narradora mudar o final, tornando-se construtor

da própria história. Logo, sob o aparentemente simples, havia o múltiplo, o rico, despertado a partir do contato com o literário.

O relógio aparece como uma metáfora do discurso literário que pode instigar a questionar. As pessoas, a vida ou as coisas não diziam mais nada para Harold, mas o relógio sim: indicava-lhe a hora, marcava-lhe o tempo, guiava sua vida; é esse objeto que passa a avisar-lhe quando o amor de sua vida vai passando. Tal qual o discurso literário, o relógio e o professor de literatura impelem o protagonista a viver e a ver além do aparentemente posto.

A morte chega, representada pelo signo do menino que é um símbolo catalisador do início e do fim. Assim, apesar do final não ser a morte, todos os itens de uma tragédia foram representados nesse filme.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte Poética**: Abril Cultura. Disponível em <<http://www.usp.br/cje/anexos/depaula/poeticaaristoteles.pdf>> Acesso em: 22 fev. 2017.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução tradução Waltensir Dutra; [revisão da tradução João Azenha Jr_]. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WRECLESS Eric. **The Wonderful World** (LP), Londres, Inglaterra: Stiff Records, 1977, lado 1, faixa 1 (3 min 02).